

# A construção da linguagem crítica de Benedito Nunes<sup>1</sup>

**Jucimara Tarricone**

Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP); mestra em Comunicação e Semiótica: Literaturas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP); especialista em Literatura pela PUC/SP. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Teoria Literária.

jutarricone@yahoo.com.br

## Resumo

Este artigo comenta, de forma breve, a prática de leitura hermenêutica de Benedito Nunes, o modo como constrói a sua linguagem e o metafórico que, eventualmente, se sobressai nos seus escritos.

**Palavras-chave:** Benedito Nunes; Paul Ricoeur; hermenêutica; crítica literária; metáfora.

## 1. Introdução

O propósito deste texto é ressaltar, ainda que de modo sucinto, a prática de leitura hermenêutica empregada por Benedito Nunes. Se é notória a relação dialógica entre filosofia e literatura na sua crítica, também é possível depreender que, na construção da sua linguagem analítica, o metafórico, por vezes, se destaca.

Há de se ter claro, no entanto, que ele não tem o intento de parafrasear a metáfora<sup>2</sup> literária como a tentar elucidar as imagens poéticas para algum leitor ávido de respostas prontas. Tão pouco pretende explicá-la a fim de traduzir a

---

<sup>1</sup> O presente artigo é, com ligeiras modificações, parte da tese de doutorado denominada *Hermenêutica e crítica: o pensamento e a obra de Benedito Nunes*, defendida em novembro de 2007.

<sup>2</sup> Cf. ECO, U. Metáfora e paráfrase. In: *Os limites da interpretação*. Tradução de Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2000, p.129-0.

possível “intenção”<sup>3</sup> do autor ou o suposto sentimento originado de tal expressão. Antes, ele

tenta reproduzir nos outros alguns dos efeitos que o original produziu sobre ele. Ao fazê-lo, o crítico também [...] chama a atenção para a beleza ou adequação, para o poder oculto da própria metáfora (DAVIDSON, 1992, p. 51).

Ainda que, por forças das fronteiras exigidas para este artigo, torna-se impossível uma maior reflexão acerca da metáfora, parece claro que se pode vislumbrar seu poder de natureza multidisciplinar, epistemológica e, principalmente, de “apreensão da realidade”<sup>4</sup>. Com base em tais aspectos, cabe perguntar de que forma a crítica literária de Benedito Nunes parte da metáfora para iniciar um processo interpretativo? Qual a relevância desse aspecto?

A primeira discussão, assim, será a respeito do processo crítico de Nunes e intenta mostrar a maneira como ele entende a interpretação, a sua concepção de metáfora, próxima à de Paul Ricoeur, e de como a imagem, nos seus ensaios, aparecerá junto a problemas que são impasses do e para o pensamento.

Em seguida, exemplifica-se como o ensaísta paraense trabalha com o metafórico, por meio da leitura de *O fragmento da juventude* de Mário Faustino.

É preciso esclarecer, todavia, que não se tem a pretensão de esgotar o assunto, mas de apenas enunciar o método de trabalho crítico de Benedito Nunes.

## 2. A metáfora e o mundo do texto

A crítica de Nunes, ao compartilhar da criação verbal do poeta/prosador, alia a sensibilidade teórica e a analítica

<sup>3</sup> Novamente, aqui, pode-se lembrar Eco. Para este, mais importante que especular acerca da intenção do autor é ser capaz de indagar as intenções do texto. Cf. ECO, U. Entre autor e texto. In: *Interpretação e superinterpretação*. Tradução de MF. São Paulo: Martins Fontes, 1993, pp. 79-104. Paul Ricoeur também concorda que “temos de conjecturar o sentido do texto porque a intenção do autor fica para além do nosso alcance” (RICOEUR, 2000a, p. 87).

<sup>4</sup> “De fato, das duas uma: ou se admite a vinculação entre a formação das metáforas e o esforço humano de apreensão da realidade (não importa que seja através do uso de uma máscara), ou se vê a metáfora como elemento desligado de um sistema mais amplo, e apenas integrando um repertório de tropos esvaziado de significações relacionais” (BARBOSA, 1974, p. 16).

como a de quem concorda, conforme Ricoeur (1990), de que o mais importante é desvelar a referência do texto, o mundo o qual ela descortina e redescreve. Compreender um texto, portanto, é postar-se perante o mundo da obra, para entendê-lo e, por extensão, entender a si mesmo, já que “toda interpretação envolve [...] uma preliminar e antecipada autocompreensão do intérprete” (NUNES, 1999, p. 57).

A referência própria do texto ou de segundo grau, conforme o filósofo francês, é onde repousa o campo da metáfora, a estratégia de discurso responsável por permitir à interpretação uma dinâmica de leitura que não procura algo que está por detrás do texto, mas apropria-se das questões abertas pela potência criadora da linguagem poética.

Ao proceder a uma leitura hermenêutica - é, portanto, o conceito de metáfora, discutido por Ricoeur - que Nunes corrobora nas suas abordagens. Vale lembrar que os estudos de Ricoeur a respeito desse assunto não se separam do arcabouço teórico desenvolvido no restante da sua obra. São temas que, articulados, formam uma correlação necessária para a compreensão da metáfora - da metáfora viva, a bem dizer: a relação entre Fenomenologia e Hermenêutica; a amplitude da noção de experiência; o problema da dimensão temporal da experiência humana; a revisão da ideia de imaginação; a referência como ponto fundamental na sua concepção; e o texto como modelo interpretativo.

O caráter interdisciplinar que Ricoeur promoveu - ao estreitar o diálogo de linguística, crítica literária e filosofia da linguagem, com as diversas teorias semânticas vigentes na sua época - possibilitou a ele uma reflexão acerca da metáfora, principalmente daquela presente em *A metáfora viva* (2000)<sup>5</sup>, explorada nos seguintes planos de investigação: do retórico ao semiótico; do semântico ao hermenêutico. Por fim, analisa a referência metafórica e a filosofia aí implícita.

<sup>5</sup> Ricoeur dedica outros artigos ao tema da metáfora. Entre eles, destacam-se *O processo metafórico como cognição, imaginação e sentimento* (In: SACKS, S. *Da metáfora*. Trad. Francisco W.A.M. van de Wiel, 1992, pp. 145-160) e *Metáfora e símbolo* (In: *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Editora 70, 2000, p. 57-81).

Ricoeur apresenta não só um sentido metafórico, mas uma referência metafórica. Isto é, mostra o poder do enunciado metafórico de redescrever uma realidade inacessível à descrição direta; em fazer do “ver como”, em que se resume o domínio da metáfora, o revelador de um “ser como” ontológico. A metáfora intenta dizer aquilo que é; por isso a tensão entre a verdade metafórica e a “literal”:

O paradoxo consiste em que não há outro modo de fazer justiça à noção de verdade metafórica senão incluindo o agulhão crítico do “não é” (literalmente na veemência ontológica do “é” metaforicamente). [...] essa constituição tensional do verbo ser recebe sua marca gramatical no “ser-como” da metáfora desenvolvida em comparação, ao mesmo tempo em que é marcada a tensão entre o mesmo e o outro na cópula relacional (RICOEUR, 2000, p. 388-9).

Para o autor, a interpretação literária é semelhante à da metáfora, já que concorda com Beardsley de que uma metáfora é um “poema em miniatura” (BEARDSLEY *apud* RICOEUR, 2000, p. 58) e a explicação de uma metáfora é um modelo de toda explicação. O que une tal explicação da metáfora à de uma obra literária é a construção do significado do texto, pois o edifica de modo similar à construção do sentido de todos os termos de um enunciado metafórico.

Entre o texto e o leitor há uma relação assimétrica: a leitura é associada à execução de uma peça musical em que a interpretação é limitada pelas regras e notações da partitura. Tanto o texto quanto a peça musical são independentes em relação às intenções do autor (RICOEUR, 2000a).

Sabe-se que Ricoeur reformulou a relação entre explicação e compreensão que, no Romantismo, era concebida como uma dicotomia entre dois campos epistemológicos distintos. A esse dualismo metodológico da explicação e da compreensão, ele propõe uma metodologia dialética:

Por dialética, entendo a consideração segundo a qual explicar e compreender não constituíram os pólos de uma relação de exclusão, mas os momentos relativos de um processo complexo a que se pode chamar interpretação (RICOEUR, 1989, p. 164).

A explicação não elimina a compreensão; antes, é media-

ção imprescindível demandada pela própria falibilidade do discurso humano. Dessa forma, a compreensão passa pela explicação. Por outro lado, a explicação obtém seu êxito pela compreensão. É o empenho de compreensão que pode reviver o texto, conduzi-lo à condição de texto vivo com capacidade de comunicação atual. Não se trata de psicologismo, de querer procurar a intenção do outro escondida no texto. Trata-se, pois, de buscar o mundo que o texto cria, aponta, sugere para o leitor.

A interpretação não procura algo que está “por trás” do texto, mas se apropria das proposições de mundo abertas pelas referências não-ostensivas do texto. Compreender, assim, é trilhar a dinâmica da obra, o movimento de seu sentido a sua referência; deixar que o texto se abra e se revele a nós. É desse modo que Ricoeur entende a “fusão de horizontes” gadameriana e se apoia na noção de *verstehen* (compreender) de Heidegger, compartilhada também por Nunes:

Se não podemos definir a hermenêutica pela procura de um outro e suas intenções psicológicas que se dissimulam por detrás do texto, e se não pretendemos reduzir a interpretação à desmontagem das estruturas, o que permanece para ser interpretado? Resposta: interpretar é explicar o tipo de ser-do-mundo manifestado diante do texto (NUNES, 1999, p. 148).

A leitura hermenêutica empreendida por Benedito Nunes, desse modo, busca no mundo do texto também o “ser como” metafórico, que é a abertura, a forma com que examina o *modus operandi*, o “como” de uma obra literária.

É a maneira como realiza tal empenho que interessa pôr em cena neste momento, a fim de ilustrar a construção da sua crítica.

### 3. A leitura de um poema de Mário Faustino

Por certo, não há a preocupação de se estabelecer um roteiro de análise como se as interpretações de Nunes seguissem fórmulas ou regras. O que se acentua é uma possibilidade de mostrar e/ou demonstrar suas leituras, ou melhor, as diferentes leituras que, no embate com as tensões

do texto estudado, cria um tecido crítico em que há um equilíbrio entre a criação de uma linguagem ocasionalmente metafórica e as reflexões suscitadas pelo assunto da obra.

São análises que privilegiam um aspecto da linguagem, por exemplo, o sonoro. Para tal caso, pode-se selecionar a crítica de Nunes de *O “fragmento” da juventude* (NUNES, 2001, p. 175-190), a respeito do poema de Mário Faustino. Crítica considerada, por Perrone-Moisés, uma “leitura feliz”:

Benedito Nunes, leitor de Mário Faustino, está, a meu ver, na categoria *hors concours*. Um fino crítico como Benedito Nunes, lendo um poema belíssimo como “Juventude”, de Mário Faustino, é algo que coloca a poesia e a crítica brasileiras no seu mais alto patamar. O crítico se desincumbe da difícil tarefa de mostrar a particularidade de um poema cujo tema não poderia ser mais geral: amor e morte, tempo e eternidade. Ao mesmo tempo que usa, discretamente, seu vasto arsenal filosófico, ele procede a uma leitura musical do poema, ressaltando sua “avassaladora sonoridade”, seu “efeito encantatório” por iteração, paronomásia e ritmo ondulatório. O poema de Mário Faustino se revela, assim, como próximo da essência da poesia lírica: “ação celebratória”, ou, no conceito de Valéry, desenvolvimento de uma exclamação em face da maravilha de haver mundo e vida (PERRONE-MOISÉS, 2000, p. 313-4).

Em um primeiro momento, após situar rapidamente o leitor acerca da escrita dos *Fragments* de Faustino, Nunes (2001, p.176) deixa claro qual será o seu método de análise:

Ao neutralizar a intenção psicológica desse projeto biográfico-artístico, em proveito da intencionalidade de JUVENTUDE, aqui analisado, numa leitura de compreensão, do ângulo de uma *fenomenologia do poema*, em busca de seu sentido, essa composição perde a exoepcionalidade conferida à série, sem perder o caráter de “fragmento”, que deve à sua forma peculiar de “pequeno poema lírico”, e religa-se, juntamente com as suas congêneres, ao conjunto da obra realizada pelo poeta, de que todas são efetivamente partes, ao lado das poesias de *O homem e sua hora* (1955) e dos textos experimentais (1956-1959) que as antecederam (NUNES, 2001, p. 176).

O crítico se pergunta, dessa forma, como buscar o sentido do poema de grande sonoridade com os temas frequentes da lírica de Faustino – amor e morte, tempo e eternidade – e em que as palavras “maravilha” e “vento” são diver-

sas vezes reiteradas?

A resposta é encontrada no ritmo, nomeado de “ondulatório” (até por causa da forma do “fragmento”), no “efeito encantatório” de um ritmo *cantabile*, que procura o “dizer oblíquo” do poema. Tal “dizer oblíquo” é explicado em nota à parte:

além da escolha, do lugar e do encantamento das palavras, é, pois, sobretudo, a totalidade da configuração rítmica do dizer poético que “exprime” o que se chama de sentido (*Sinn*) Heidegger, *Hölderlins Hymnen, 'Germanie' und 'Der Rheine'*, Gesamtausgabe, Band 39, Frankfurt am Main, Vittorio Klostermann, 1980, p. 14 (NUNES, 2001, p.189).

Como o ritmo é “significativo, tanto do ponto de vista semântico quanto sintático” (NUNES, 2001, p. 177), é por meio dele, das relações entre o “fonemático e a significação das palavras que o caracteriza”, que a análise se inicia, não sem antes lembrar o uso da noção de ritmo como “fenômeno imanente”. Novamente, aqui, há uma nota elucidativa:

na conceituação de Roman Ingarden, o ritmo é imanente quando prescrito “por determinado conjunto fonemático-significativo”. *A obra de arte literária*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1965, p. 67 (NUNES, 2001, p. 188).

Ao estabelecer, pois, como horizonte crítico, o sentido expresso pelo ritmo, faz um levantamento, até minucioso, de elementos que ajudam na construção desse, como a pontuação (uso dos travessões), as profusões de rimas internas e de aliterações, o timbre das palavras “vento” e “maravilha” como refrões, a proliferação de paronomásias e o chamado “espaço metafórico”, já que não há propriamente “metáforas tópicas” no “Fragmento”, “abundantes nos poemas anteriores de Mário Faustino” (NUNES, 2001, p.182).

O que ele ressalta como “espaço metafórico”, como “espaço metafórico da ação celebratória”, são “versos sentenciosos” que se “sobrepoem à imagem da maré ao estado juvenil” e mostram o elemento fonemático-significativo: a imagem do mar (anagramado em “maravilha” e “amar”); imagem “obsessiva que passa das composições de *O homem*

e sua hora às peças experimentais e aos ‘fragmentos’” (NUNES, 2001, p.183).

Ao conceder prioridade à camada rítmico-sonora, Nunes seleciona um idioma crítico peculiar à questão musical, que se repete ao longo da investigação, como “variações melódicas”, “andamento”, “*intermezzo*”, “curva melódica”, “*adagio*”, “*largo maestoso*” etc.

Tal como no poema, a crítica de Nunes também abusa dos travessões e cria jogos de palavras, espécie de iteração, presença constante no *Fragmento*:

- “Os travessões pontuam **unindo** o que **separam** e **separando** o que **unem**” (NUNES, 2001, p. 179, grifos da autora).
- “É recitativo por ser **canto**, e é **canto** pela configuração rítmica....” (NUNES, 2001, p. 180, grifos da autora).

No ritmo “ondulatório”, como o ritmo do mar - a imagem metafórica -, a construção analítica também segue um curso ora para acentuar as entoações, ora para estabelecer o símile de juventude com os “fluxos” e “refluxos” da vida e da morte:

E assim a ação celebratória, que une as duas inflexões, a exultante do elogio e a lamentosa da elegia, num só louvor à juventude e ao sentimento de viver equivale a um “sim” dado à vida contraditória e efêmera. Nessa “afirmação trágica” está o sentido intencional do “fragmento” - o seu dizer oblíquo -, explicitado do ritmo cantante em que se articulou, aceitando e consagrando o “amor fati” que impregna, desde o começo, a lírica de Mário Faustino (NUNES, 2001, p.188)

Destacam-se, ainda, as notas de rodapé (17 ao todo), que possuem exemplos de outros poemas de Faustino ou esclarecem a questão teórica (como no caso citado de Heidegger e Ingarden). Como explicações à parte, possibilitam dar à investigação um tom mais leve, mais “ondulante”.

Em síntese, Benedito Nunes elege o “ritmo ondulatório” como a metáfora que percorre cada ponto de sua linguagem crítica, a demarcar que de uma imagem pode-se vislumbrar um sentido de análise.

Sua prática de leitura, no movimento executante de um ato que concretiza a obra, procura no

preenchimento das significações das palavras, dos correlatos objetuais das frases que configuram personagens e delineiam situações no espaço e no tempo, [o] reconhecimento dos valores e da figura de um mundo imaginário (NUNES, 1998, p. 180).

É um exercício de crítica que fomenta questões e, mais do que respondê-las, tenta compreender o texto para, na experiência de sua leitura, compreender a si mesmo. Dessa forma, pode-se dizer que a linguagem crítica de Nunes apresenta semelhante textura com a definição que Barbosa (1990) concebe da crítica como releitura: aquela em que o crítico não se pauta por tentar decifrar ou explicar o sentido do texto, mas, sim, por expor o objeto literário como perspectiva de um questionar do próprio homem e do seu mundo simbólico. O trabalho do crítico-leitor, então, ocorre por aproximações e possibilidades, pelo deixar-se provocar através do que leu e pelo mergulho nas incertezas da literatura.

Da mesma forma, Nunes compartilha também da metáfora crítica criada por Barbosa: a leitura como intervalo. Isso porque, no conceito de dimensão intervalar, ressalta-se que

na literatura lê-se sempre mais do que a literatura, embora deva-se dizer bem depressa que só é mais do que literatura porque a intensidade com que se trabalha os valores da linguagem, isto é, o que é próprio da literatura, leva à problematização radical dos demais valores – filosóficos, psicológicos, sociais, históricos – veiculados pela literatura (BARBOSA, 1990, p. 26).

Para a análise do fenômeno literário, portanto, pede-se uma postura interdisciplinar. Interdisciplinaridade observada, por exemplo, quando da crítica de Clarice Lispector e de Guimarães Rosa, ambas amplamente conhecidas e que, por suas complexidades, fogem do limite deste artigo.

#### **4. Considerações finais**

Embora a exposição deste texto tenha sido breve, o objetivo essencial foi cumprido. Buscou-se mostrar que a prática de leitura hermenêutica de Benedito Nunes tem como

aspecto central o recurso dialógico com a obra estudada, o exercício que cria e recria, a partir do texto-objeto, sua fonte metafórica de expressão.

Longe de ser uma crítica de respostas prontas é, na verdade, uma análise que provoca questionamentos e fomenta a eterna releitura da obra estudada.

## Referências

- BARBOSA, J. A. *A leitura do intervalo - ensaios de crítica*. São Paulo: Iluminuras, 1990.
- \_\_\_\_\_. *A metáfora crítica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DAVIDSON, D. O que as metáforas significam. In: SACKS, S. *Da metáfora*. Tradução de Glória R. L. Sampaio. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- NUNES, B. O “fragmento” da juventude. In: BOSI, A. (Org.). *Leitura de poesia*. São Paulo: Ática, 2001, p. 175-190.
- \_\_\_\_\_. *Hermenêutica e poesia - o pensamento poético*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Crivo de papel*. São Paulo: Ática, 1998.
- PERRONE-MOISÉS, L. Que fim levou a crítica literária? In: \_\_\_\_\_. *Inútil poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 313-314.
- RICOEUR, P. *A metáfora viva*. Trad. Dion Davi Macedo. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Editora 70, 2000a.
- \_\_\_\_\_. *Interpretação e ideologias*. Tradução de Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Do texto a ação: ensaios de hermenêutica II*. Tradução de Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto/Portugal: Rés Editora, 1989.

## **The construction of the critical language of Benedito Nunes**

### **Abstract**

This article introduces, in a short way, the practice of the hermeneutic reading of Benedito Nunes. His particular way of building up the language and the metaphorical style, that sometimes takes place in his writing. – versão original

**Keywords:** Benedito Nunes; Paul Ricoeur; hermeneutic; literary criticism; metaphor.

Artigo recebido em: 6/11/9

Aprovado para publicação em: 26/2/10